

Cláudio Aparecido da Silva

Ouvidor da Polícia do Estado de São Paulo

Cláudio Aparecido Silva, Claudinho, como é mais conhecido, é casado, pai de 4 filhos e avô de 2 netos, sua formação é de professor de Educação Física e posteriormente educador popular, é o primeiro Ouvidor egresso de uma comunidade (a favela Monte Azul, no Jardim Monte Azul) e tem uma trajetória que vai de uma vivência nas ruas, passando por trabalho de engraxate, que o levou à militância nos movimentos negros e antirracistas, bem como à filiação partidária. Atuou como assessor do rapper Dexter, destacou-se como Coordenador de Políticas para Juventude da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania durante a gestão do prefeito Fernando Haddad e também como coordenador do SOS Racismo, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, de 2019 a 2021.

Sua gestão como Coordenador de Políticas para a Juventude destacou-se por programas como o Juventude Viva, voltado para os territórios mais vulneráveis da cidade, o ingresso da Casa Ângela, para partos humanizados no SUS (Sistema Único de Saúde), enfrentamento à violência obstétrica que atinge majoritariamente meninas negras e periféricas, pesquisa que levantou informações sobre letalidade na cidade de São Paulo nos últimos 10 anos, além da ideia de se levar ao Papa Francisco o disco dos Racionais MC's, como um presente da cidade de São Paulo, entre outras.

Também a partir de sua atividade partidária, foi Secretário Nacional de Combate ao Racismo durante sete anos e trabalhou na Secretaria de Abastecimento, durante a gestão de Marta Suplicy na Prefeitura de São Paulo, em 2022. De 2019 a 2021, dirigiu o SOS Racismo, serviço da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) que acolhe denúncias de crimes raciais.

Foi na Prefeitura de São Paulo que se aproximou do hip-hop, mais especificamente de Afro- X e Dexter, integrantes do 509-E. Antes, na década de 1990, o estilo musical já tinha cruzado seu caminho quando se aproximou do movimento negro, após um caso de racismo dentro de uma delegacia. Quando trabalhava como engraxate, parava na 11ª Delegacia de Polícia em Santo Amaro, zona sul de São Paulo, onde engraxava os sapatos de alguns investigadores e escrivães.

Em uma dessas ocasiões, após sujar a meia de um investigador, ouviu uma pessoa que passava no corredor o atacar. "Nem para isso essa raça serve", disse o racista. "Aquilo ficou plantado na minha cabeça e, semanas depois, andando pela rua eu vi um panfleto jogado no chão, do MNU (Movimento Negro Unificado), da campanha 'Mano, não morra e não mate'. Aí eu decidi ir na reunião, que acontecia na sede do Sindicato dos Radialistas, ali na Bela Vista", lembra Silva.

Nas reuniões do MNU, conheceu Mano Brown, KL Jay e Edi Rock, integrantes dos Racionais MC's. "Ali, eu fui criando consciência e entendendo o que tinha acontecido na delegacia.

Então, fui me envolvendo com a questão negra e entendendo que eu tinha um problema de identidade."

Muitos outros casos de racismo e violência policial atravessaram o caminho do novo Ouvidor e de seus parentes, amigos, militantes, incluindo uma prisão por desacato no bairro da Penha, em Vitória (ES), quando exigiu que um policial cumprisse seu dever, após procurá-lo por ter seu dinheiro roubado por outras crianças.

Apesar dessa vivência, Claudinho garante que sua gestão será marcada pelo diálogo, e que fará tudo para que a Ouvidoria seja uma porta para todos: cidadãos e policiais, com suas denúncias, elogios e ideias, e uma ponte com as forças de segurança do estado para uma equilibrada distribuição de justiça e legitimação da atividade da atividade policial.